



VOZES DA ABRAPSO, São Paulo, n. 02, jun. 2020.

# UBERIZAÇÃO, VIDAS ENTREGUES E PANDEMIA: E A PSICOLOGIA SOCIAL DO TRABALHO COM ISSO?

**Flávia M. Uchôa de Oliveira**

Doutora em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da USP

Associada pelo Regional São Paulo da ABRAPSO



Este breve texto busca registrar reflexões desenvolvidas a partir do curta metragem “Vidas Entregues”, do cineasta e historiador Renato Prata Biar, lançado em dezembro de 2019. O filme é de acesso público no Youtube . Nossa sugestão é a de que leitor assista ao filme antes de dar andamento a esta leitura. Mas, para aqueles que não se importam com nenhuma revelação de detalhes (os conhecidos spoilers), também é uma possibilidade continuar por aqui e assisti-lo ao final da leitura.



A rica interlocução que o filme proporciona também foi registrada na primeira edição do “Papos de TraMPos”, em 14 de maio passado, tendo a participação do Renato e da autora deste texto na condução da conversa. O “Papos” foi uma iniciativa criada pelo grupo de alunos e pesquisadores do Laboratório de Estudos e Pesquisas interunidades sobre Trabalho, Movimentos Sociais e Políticas Sociais, o TraMPoS, da Universidade de São Paulo. A decisão por trazer como primeiro tema de discussão a uberização do trabalho veio das inquietações sobre o que nós, psicólogos sociais e psicólogos sociais do trabalho, temos para falar ou contribuir com a compreensão destas “novas” modalidades de trabalho.

O uso destas aspas na palavra nova buscam pontuar o entendimento de que a uberização do trabalho não é puramente uma novidade. Antes e principalmente, ela articula o novo e o antigo. O novo está posto na tecnologia empregada pelas “empresas-aplicativos” (Abílio, 2019) para reorganizar as já antigas formas de criar trabalho e de se inserir economicamente. Os bicos, o freelance, as ôias, o trabalho “por conta” e o “se virar” são organizados agora pela tecnologia que media e controla as interações entre “consumidores” e “prestadores de serviços”.

O que queremos dizer é que a uberização do trabalho é a novidade tecnológica que organiza a “viração”, tão característica do mercado de trabalho brasileiro e latino-americano. No Sul global, o emprego não chegou a ser a norma. E, para a maioria da “população que vive do trabalho” (Antunes e Praun, 2015), sempre foi complementado por outras atividades de trabalho, em paralelo e interpostas. É, neste sentido, que a uberização do trabalho organiza a informalização e aprofunda a precarização do trabalho. Organiza a massa de trabalhadores que não encontram emprego e tem de se inserir no mercado informal. Aprofunda a precarização do trabalho no repasse de todo e qualquer custo do trabalho para o trabalhador, sem que ele possa negociar suas condições de trabalho e o valor de seu serviço ou produto.

Tendo em vista esta definição, pensamos em realçar dois elementos que podem nos auxiliar na melhor compreensão destas não-tão-novas formas de trabalho. E, ainda, que podem ser exemplificadas por meio dos depoimentos de Bianca, Fabrício e Vitor, os trabalhadores entrevistados no filme “Vidas Entregues”. Vejamos.



*1) A uberização é a representação atual de um processo de décadas de transformações no mundo do trabalho*

“Fui procurar emprego, vi o cara trabalhando e me inscrevi [...] Muita gente vem pro Centro para procurar emprego. Aí, não consegue. Aí, vê muita gente trabalhando assim e pergunta como é que faz [...] É que a taxa de desemprego tá muito alta mesmo. Os outros não tem pra onde ir, tá vindo pra cá, pra entrega de aplicativo”. É assim que Fabrício explica o início de suas atividades como entregador de bike por aplicativos.

Bianca, da mesma forma que Fabrício, indicou que foi a falta de emprego que fez com que ela e seu marido começassem a trabalhar por aplicativo. Ela contou: “A maioria dos meus vizinhos, de desempregados, tá tudo descendo pra fazer aplicativo, pra rodar pelo aplicativo porque, infelizmente, o desemprego, ele tá geral. Tá brabo, tá feia a coisa”.

No mundo-sem-emprego (Uchôa-de-Oliveira, 2020), a uberização é a representação atual mais bem acabada de um processo de muitas décadas de transformações no mundo do trabalho. No típico receituário neoliberal de flexibilização, desregulação, privatizações e terceirizações, a uberização é a receita completa. Flexibiliza e desregula as relações de trabalho; privatiza serviços, como, por exemplo, o de transporte e abastecimento; e terceiriza o trabalho, agora não mais entre CNPJs, mas de CNPJs para CPFs.

A inserção individual no mercado de trabalho é colocada como a única saída. Os trabalhadores, que não podem mais esperar pelo emprego, veem nas empresas-aplicativos a forma de inserção econômica mais rápida e acessível, o que cumpre a urgência da sobrevivência. Para esta inserção individual, servem muito bem as ideias e práticas do “empreendedor de si mesmo”, e os imperativos de “seja seu próprio patrão” e “invista em si mesmo”.

*2) A uberização é a contradição exposta entre a inserção individual no mercado de trabalho e o controle do trabalho*

Na uberização, as ideias e práticas abertas pela figura do empreendedor entram em chocante contradição com a realidade de superexploração e controle do trabalho pelas plataformas.

Por exemplo, em seu depoimento, Bianca explica: “A taxa é pouca e isso todo mundo já sabe, né? Porque às vezes a gente anda, anda, anda... A Uber é um absurdo, né? R\$3,50... Às vezes, a gente



pedala, pedala, pedala e aí é isso que a gente recebe. A Rappi também porque, às vezes, ela gera uma dívida que a gente nem sabe o porquê”. Assim como faz Bianca, Vitor indica as dívidas que a Rappi “gera” para o trabalhador quando há algum erro de endereço na entrega, ele tem amigos que “tão trabalhando para pagar a entrega. [A Rappi] vai descontando as entregas”.

Fabrício também fala sobre os valores que recebe: “No começo, a taxa de entrega era boa. Aí, no decorrer do tempo, acho que foi abaixando. Tá cada dia pior, tiraram nossa promoçõzinha que a gente fazia... Pra gente aí, tiraram. Pior coisa que tem é a taxa mesmo porque tá muito baixa”.

A “autonomia” e a “flexibilidade” destas formas de trabalho são inexistentes quando pensamos que estes trabalhadores não conseguem negociar aquilo que recebem. Estes agentes econômicos ditos “livres” e “iguais”, não conseguem ter acesso às regras na distribuição das demandas sobre seu trabalho. Igualmente, não possuem acesso à formulação das avaliações dos consumidores sobre o seu trabalho. Esta “subsunção real” ao trabalho (Abílio, 2019) faz cair por terra qualquer visão destes trabalhadores como “empresários de si mesmo”.

Esta contradição entre o discurso de inserção individual, de autonomia, do “trabalhe quanto e quando quiser” e as condições de controle do trabalho vem fazendo com que esses trabalhadores se mobilizem. Os tempos de pandemia trouxeram maior visibilidade a estes tipos de trabalho ao redor do globo. A garantia das regras de distanciamento social está diretamente relacionada aos serviços de entrega realizados por estes trabalhadores, incluídos nos “serviços essenciais” (Betim, 2020). O novo coronavírus exacerbou a “subsunção” destes trabalhadores à realidade do controle destas plataformas.

Em Abril passado, vimos movimentos acontecerem em toda América Latina, incluindo no Brasil, de norte a sul. Nas paralisações do último Abril, foi reportado que “[...] centenas de entregadores em Teresina, Piauí, no nordeste do país, protestaram exigindo segurança contra os constantes assaltos que sofrem durante o trabalho – pelos quais não recebem qualquer compensação das empresas” (Castanheira, 2020).

*Conclusão: e a psicologia social e social do trabalho com isso?*



A uberização do trabalho nos traz um problema grande em dimensão e em impactos na organização do trabalho. Em diversas abordagens que se dedicam ao estudo do trabalho, é amplamente reconhecida a vinculação entre a organização do trabalho e os efeitos dessa para a subjetividade do trabalhador e para a relação saúde-doença no trabalho (Antunes e Praun, 2015). É preciso que, nós psicólogos sociais e psicólogos sociais do trabalho, resgatemos as formas de coletivizar o pensamento junto aos trabalhadores. É preciso que estejamos atentos às suas mobilizações, especialmente, neste tempo de distanciamento social. Torna-se crucial que os psicólogos sociais e sociais do trabalho contribuam com a compreensão desta temática, identificando os impactos psicossociais dessas novas modalidades e as possibilidades de resistência e de organização coletiva das massas de trabalhadores uberizados.

### **Referências:**

Abílio, L. C. (2019). Uberização: Do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. *Psicoperspectivas*, 18(3). <http://dx.doi.org/10.5027/psicoperspectivas-vol18-issue3-fulltext-1674>

Antunes, R., & Praun, L. (2015). A sociedade dos adoecimentos no trabalho. *Serviço Social & Sociedade*, (123), 407-427.

Betim, F. (2020, 18 de Março). Quem faz a São Paulo que não pode parar por causa do coronavírus. *El País*. Recuperado de <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-03-18/a-sao-paulo-que-nao-pode-parar-por-causa-do-coronavirus.html> (Acesso em 09 de Maio de 2020).

Castanheira, T. (2020, 25 de Abril). Entregadores de aplicativos fazem greves por condições seguras no Brasil e no mundo. *World Socialist Website*. Recuperado de <https://www.wsws.org/pt/articles/2020/04/25/braz-a25.html> (Acesso em 09 de Maio de 2020).

Uchôa-de-Oliveira, F. M. (2020). *Somos todos empreendedores? A demanda empreendedora como dispositivo de governo neoliberal* (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.



Recebido em 15/05/2020.

Aprovado em 17/06/2020

Comissão editorial das publicações eletrônicas Vozes da ABRAPSO

Publicado em 19/05/2020.